

Revista Brasileira de Literatura Comparada
Nº 25
Caminhos da Literatura na América Latina

Apresentação

Allison Leão

Com o tema “Caminhos da Literatura na América Latina”, o número 25 da *Revista Brasileira de Literatura Comparada* propõe o debate de uma questão a que podemos chamar *renovadamente atual*: os elementos, as possibilidades e os limites da existência de um discurso latinoamericano e suas expressões no universo artístico, sobretudo literário. Embora a sistematização desse debate tenha se iniciado, enfaticamente, em meados do século XX, suas origens já estariam dadas na experiência comum da violência colonial e, com novas nuances, nos processos libertários que levaram à constituição dos Estados no continente, predominantemente no século XIX – momento de crise e transição. Não será coincidência, portanto, que a discussão tenha conhecido seu primeiro momento de vigor organizado nas décadas imediatamente posteriores à Segunda Guerra, quando novos impulsos colonialistas avançaram sobre os países latinoamericanos. Os discursos insurgentes que responderam a tais influxos estão marcados em nossa história, seja no plano político, como a Revolução Cubana, seja no campo literário, como o *boom* da literatura latinoamericana. Se o estado de crise e a sensação de ainda estarmos em transição não nos abandonaram, há contudo uma série de novos elementos, antes inexistentes ou até pouco tempo invisíveis, que têm o potencial de ampliar e aprofundar a discussão. É dessa complexa paisagem histórica, cultural, política e estética que se ocupam os textos reunidos na revista.

Alinhados com as discussões temáticas e abordagens propostas nas últimas duas décadas pela Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) – cujos congressos revezaram-se entre a problematização política e cultural da literatura e a busca pelo entendimento das novas possibilidades e experiências da linguagem literária, até uma recente dialetização entre esses eixos – os estudos veiculados neste volume concentram-se ora numa

perspectiva histórica e política, ora num viés estético do problema latinoamericano, sem jamais excluir uma mirada em favor da outra.

Atenta a essa dupla demanda, Ana Pizarro reflete sobre os dispositivos narrativos presentes em duas obras de autoria feminina: *Moi*, *Tituba sorcière*, da caribenha Maryse Condé, e *Um defeito de cor*, da brasileira Ana Maria Gonçalves. Para a ensaísta, essas narrativas, embora baseadas em circunstâncias históricas bem delineáveis, operam a infiltração de mecanismos que deixam em crise a exigência de objetividade do relato histórico de caráter oficial. Dessa forma, têm-se narrativas que, para além de seu conteúdo potencialmente crítico – as vidas de duas mulheres escravas –, lançam mão de recursos como a língua (uma língua própria, anticolonial, vestígio e exercício de liberdade), a escuta e o olhar, elementos simultaneamente corporais e subjetivos, mas também culturais e históricos. Ao elaborar suas considerações sobre os dois livros, Pizarro está, no limite, apontando para uma possibilidade de se reconhecerem, por dentro da experiência histórica de violência que atravessa a América Latina, os recursos vestigiais que as culturas subalternizadas nos podem ter legado: modos de ver, ouvir e dizer que questionam e reinventam o narrar, a história e a vida.

Entre essas possibilidades, ainda muito pouco exploradas pelos estudos literários, estão as narrativas ameríndias. Essa é a matéria do artigo de Lúcia Sá, que, em constante diálogo com Eduardo Viveiros de Castro e o perspectivismo, elabora uma rica análise das narrativas que compõem *De Roraima ao Orinoco*, coletadas por Theodor Kock-Grünberg no início do século XX, e *Antes o mundo não existia*, de Umuĩ Pārökumu e Tōrāmũ Kēhíri – obra marcante para tais estudos, uma vez que se trata da primeira de autoria indígena, do ponto de vista editorial, somente surgida no início da década de 1980. Desenvolvidas por povos ancestrais da Amazônia, as narrativas em questão revelam maneiras distintas de se pensar a realidade – distintas do pensamento ocidental. Lúcia Sá busca expor como essas narrativas, fundamentalmente conectadas ao mito, instauram ao mesmo tempo maneiras de ver e se relacionar com o mundo além do humano, invertendo da objetificação para a subjetivação das coisas (em comparação com o modelo cartesiano) o modo como essas culturas e suas narrativas se posicionam no universo.

De alguma forma, o potencial subvertedor das culturas tradicionais da América Latina foi recurso programado ou intuído por intelectuais do continente, que, dando passo em outra direção e explorando os efeitos do contato conflituoso entre os paradigmas das culturas tradicionais e dos movimentos colonialistas, desenvolveram experiências das mais profícuas na arte e literatura latinoamericanas, como o são a antopofagia e a mestiçagem. É o que nos mostra Mariluci Guberman em seu artigo. A autora ainda discorre sobre variadas relações entre movimentos desse caráter ocorridos no Brasil e em outros países da América Latina. Remotamente, como mostra Guberman, o Barroco latinoamericano teria sido uma das primeiras práticas deslocadoras dos ideais estéticos europeus. Desde então, nossas artes e pensamento revelaram impulsos canibalistas (e “calibanistas”) que, no conjunto, mostram um sistema de pensamento diferente e crítico em relação àquele que conhecemos como eurocêntrico.

Desdobrando a questão da dinâmica local x não-local, Livia Grotto elabora uma reflexão a respeito das complexas relações presentes no periodismo argentino do início do século XX, especialmente nas revistas *Proa* e *Martín Fierro*. Marcantes nesse processo são as figuras de Jorge Luis Borges e do espanhol Ramón Gómez de la Serna. É interessante notar, seguindo as considerações de Grotto, que se, de um lado, as querelas suscitadas nos periódicos demonstram um desejo de autonomia histórica e intelectual dos artistas portenhos, de outro, frequentemente deslizam para o reverso negativo dessa energia, qual seja, o nacionalismo tão conhecido por nós latinoamericanos – não poucas vezes radical e excludente. No entanto, para além desse problema, o foco do texto é mostrar como, processualmente, os intelectuais latinoamericanos (argentinos no caso) estavam ainda a tatear a compreensão do que afinal os afirmava como sujeitos de uma outra história, mesmo tendo assimilado irreversivelmente traços culturais que a colonização lhes havia legado.

Talvez em contextos diferentes, em que se sobressaem propostas mais radicais, ao menos no campo do uso das linguagens estéticas, certos artistas arriscaram caminhos mais experimentais, nos quais os limites a serem cruzados eram menos nacionais que semióticos. Assim ocorre com o diálogo entre fotografia e literatura, analisado por Gonzalo Leiva Quijada a partir da obra do escritor e pintor Adolfo Couve

e seu amigo, o fotógrafo Sergio Larraín Echeñique, ambos chilenos. O texto de Quijada acaba por nos mostrar que a questão latinoamericana tem dimensões importantes, que, porém, muitas vezes, são consideradas de segundo plano; entre estas, ele destaca o complexo existencial que envolve estética e subjetividade (ou mesmo afetividade).

Tal desprendimento, ou curiosidade em relação ao outro, ou generosidade e disposição para a troca, o aprendizado e o cruzamento de fronteiras, que talvez nos caracterizem, podem favorecer o surgimento de gestos artísticos de caráter plural, não denomináveis por categorias tradicionais da teoria. Florencia Garramuño as trata, de maneira não delimitadora, como “arte inepecífica”. É muito interessante notar que o desafio e a prática que certos artistas empreendem – artistas como Rosangela Rennó, Nuno Ramos, Diamela Eltit, Paz Errázuriz, Paloma Vidal, Tamara Kamenszain, João Gilberto Noll, Fernando Vallejo e Alan Pauls –, ao tempo em que retiram suas obras do paradigma do próprio, ou da propriedade, como defende Garramuño, abrem-na para o conhecimento do que há de comum entre mundos outrora definidos como estranhos entre si. Esses mundos em comum são de ordem estética, a princípio, mas desembocam num conhecimento do comum da cultura, da política e dos afetos. Trata-se, pois, de uma postura eminentemente comparatista – dos artistas e da ensaísta –, que nos compele a nós, “comparatistas teóricos”, àquilo que o comparatismo pode ter de mais vanguardista no universo dos estudos literários: deslocar a própria teoria para o inespecífico, descobrindo mundos (ainda não) comuns.

Explorando outros eixos de comparação entre escritores latinoamericanos, Tânia SarmientoPantoja e Marli Tereza Furtado respectivamente exploram similitudes entre o paraense Benedicto Monteiro e o cubano Pablo Armando Fernández, e Dalcídio Jurandir e Abguar Bastos, ambos também do estado do Pará.

A primeira autora desenvolve uma interessante percepção sobre a presença da cor como um mecanismo que, ao instilar um caráter pictórico, físico e imagético à narrativa, de certo modo propõe também a infiltração de um paradigma cultural renovador na tradição literária ligada à ordem da palavra-deia, em favor da palavra-imagem e da imagem-cor. Um desdobramento importante do texto de Tânia SarmientoPantoja é revelar as conexões que filiam a

obra de Benedicto Monteiro ao movimento do *boom*, extrapolando as linhas de interação latinoamericanas mais conhecidas.

Por seu turno, Marlí Tereza Furtado discute uma perspectiva do modernismo brasileiro, especialmente seu desdobramento a partir da década de 1930, tendo como ponto de vista a produção de dois importantes autores de origem amazônica - Abguar Bastos e Dalcídio Jurandir. Investigações como esta, sobre os efeitos do pensamento de vanguarda nas regiões mais periféricas da América Latina, têm o potencial de, primeiramente, revelar de maneira mais dramática os procesos de transculturação e suas tensões em contextos de culturas relativamente mais tradicionais; além disso, podem nos lembrar que, sob uma expressão de tamanha amplitude como “América Latina”, abrigam-se (ou não se abrigam) regiões culturais para as quais uma associação como essa parece, se não inviável, ao menos bastante problemática e relativa.

Dentre os textos da revista, um discute diretamente a questão do pertencimento latinoamericano, questão que fica mais evidentemente tensa quando os envolvidos são os brasileiros; trata-se da reflexão de Suzi Frankl Sperber, que traz provocações como a de levantar o dado de que, quando, no Brasil, fala-se em “literatura latinoamericana”, normalmente elencam-se apenas escritores de língua castelhana. Além disso, a autora lembra muito bem a indagação de Ricardo Piglia, de que deveríamos, antes de nos acomodarmos a uma noção de literatura latinoamericana, ponderar acerca as regiões culturais do continente, que frequentemente transpõem os limites dos países - como ocorre com a Amazônia, os Llanos, os Andes. Sperber mostra, por fim, que há modos muito próprios na propositura de questões em obras de autores como Paulo Lins, Bernardo Carvalho e Luiz Ruffato. Porém, as questões em si não são exclusivas ao contexto brasileiro e se verificam na produção de diversos autores de outros países do continente. Sobretudo, haveria na América Latina uma tendência (uma vontade) e suas derivações poéticas para se afirmar o discurso como um outro em relação ao que se enuncia nos demais continentes.

Respeitando, pois, a dialética entre diferença e identificação no universo latino-americano, os textos presentes na revista têm o valor extra de prismaticar o problema, pondo o leitor a par do processo histórico de formação e crítica de um pensamento desse continente cultural, mas também atualizando a questão, agora que novos elementos e maneiras novas de encarar antigos dilemas têm se afirmado. A leitura deste conjunto nos mostra que, antes de uma resposta a respeito de um possível discurso latino-americano, o que nos tem dado um horizonte de identificação, até agora, é a própria dúvida.